



Gaiato

31 DE MAIO DE 1969

ANO XXVI — N.º 658 — Preço 1\$0

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

AREIAS DO CAVACO



Eles, o trabalho e uma paisagem da nossa Aldeia de Benguela

Cantinho dos Rapazes —

Recebi há dias uma carta de um dos nossos, algures no Norte de Angola, em serviço militar. Li-a. Reli-a. E fiz o propósito de não reservar para mim só a alegria que me trouxe.

Quis mostra-vos a grandeza de alma e os sentimentos nobres de que sois portadores, às vezes sem dardes conta disso. E nós também.

Nem sempre, enquanto estais debaixo das asas da Mãe - Obra da Rua, dais o valor devido ao bem que possuís. Pela experiência o sabem os vossos Padres e vós também o sabeis. O afastamento mais ou menos prolongado das pessoas com que conviveis, dos cuidados de que sois objecto, sempre limitados, é certo, como limitadas são as pessoas que cuidam de vós, dizia eu, o afastamento faz-nos ver e sentir com intensidade nova o que antes não víamos nem sentíamos. Não é verdade que só avaliamos verdadeiramente o amor que temos aos nossos pais, à nossa mãe, à nossa casa, quando nos afastamos durante um tempo mais ou menos longo? Mas não penseis que este facto se dá apenas com grande parte de vós, pois dá-se mais ou menos com todos. Mas a força da família é uma grande realidade. E é por isso que também vós, passados os momentos de crise e atingida a maturidade, sempre relativa, reconheceréis o bem de que sois objecto enquanto viveis no seio da grande família que é a Obra da Rua. Isto revela que sois rapazes normais. Que sois justos. Por isso sentis necessidade de manifestar para com a Obra a vossa gratidão. Está certo. E sabeis que aos pais de família estes vossos sentimentos são um grande estímulo e muito os ajudam.

Tudo isto vem a propósito de uma carta que um de vós, ausente há três anos do nosso convívio, por força do serviço militar, escreveu e de que vou transcrever alguns períodos:

Continua na QUARTA página

Setibabal

Os nossos gatos arranjaram cá em Casa uma «mãezinha». É a Ti Francelina, nossa lavadeira-chefe. Já de há muito que eu venho notando que ela tem tido sempre a preocupação de fornecer a alimentação aos bichanos. Ninguém mais olha por eles. Eles são fugidios e, ao aproximar de alguém, num ápice se escondem. O seu lugar favorito é o sótão. Ali seguem-se, de quando em vez, caçadas furtivas no escuro aos ratos. São inimigos figadais! Ti Francelina trata-os com todo o carinho e devota-lhes um amorzinho muito especial. A camioneta chega com o comer dos porcos e ela imediatamente vai a correr buscar uns bocadinhos de peixe ou de carne, a fim de preparar a mesa aos animais. Por sua vez, os ditos têm para com ela um instintivo sentimento de gratidão, não a largam. Para qualquer parte para onde ela vá, seja para vir buscar a roupa suja, seja para ir fazer o almoço, aí vão os gatos atrás dela. São três, dois gatos e uma gata. Os animais, na força do seu instinto, também sabem ser gratos para com

as pessoas que os tratam bem. Os homens, esses desconhecidos, é que tantas vezes, sendo animais superiores, com instinto e inteligência, desconhecem estes nobres sentimentos e gratidão. E tão bonito receber para na devida altura dar! Hoje em dia há tão pouco, vê-se tão pouco disto. A Ti Francelina e os gatos! Fazem-me pensar. Os gatos e todos os outros animais dão na maior parte das vezes autênticas lições de generosidade, de dedicação, de amor aos outros, de entrega renúncia total, aos homens. necessário nós sabermos extrair com lucro essas maravilhosas lições dos animais inferiores.

S. Francisco de Assis, através de toda a Natureza (flores, animalinhos, feras, tudo o mais) a presença autêntica, real e concreta de Deus está no meio de nós. Tudo para ele, desde o mais pequenino dos seres até ao maior desde a mais pequenina pedrinha até ao maior edifício do mundo, desde as flores e pontâneas do campo até fontes claras de água corrente, tudo dá a sensação de que era um sinal da presença concreta de Deus entre os homens. S. Francisco sabia observar e colher lucros dessa observação. Do mesmo modo é preciso que nós colhamos frutos da observação directa do mundo concreto, de toda a natureza em ordem a tantas vezes podermos ser muito melhores.

Os moralistas e os grandes fabulistas embrenhavam-se e apólogos dialogais, cujas personagens eram animais, com fim único e exclusivo de por corrigir defeitos humanos. Até os animais tiravam lições.

Outro dia, foi a um sábado na minha habitual ronda para saber os salários para depois pagar, dei comigo na casa onde a roupa é lavada. Ti Patrícia não estava. Não tinha visto nesse dia. Somente Ti Francelina e Ti Vicência.

Ao entrar ali, Ti Francelina apontou-me um cantinho de sala onde estava qualquer coisa parecida com um pequeno cesto. Abre-me. Lá dentro estavam 3 gatinhos recém-nascidos. «Um é gato, que é

Padre José Maria Continua na QUARTA página

LOURENÇO MARQUES

O estar longe, impedido de acompanhar o dia a dia da vida dos nossos rapazes, por uma paragem forçada em Luanda, aonde vim para um encontro com os nossos Padres de Angola, faz-me olhar com mais atenção os miúdos da rua que vou encontrando e sentir mais viva a aproximação interior daqueles que deixei em casa.

Nesta tarde de sábado, estando a escrever umas coisas para esta crónica, numa esplanada, em frente à baía que é moldura encantadora desta Lisboa de Angola, chega-me, rente, um nativo dos seus 18 anos. Pede-me com respeito dinheiro para matar a fome. Meto-me com ele. Nunca trabalhou. Nunca entrou na escola. A sua vida tem sido um estender a mão. Pergunto-lhe quando vai para o serviço militar. Aí ao menos podia ser útil e recuperar-se. Pede licença para se retirar e vai atrás de pessoas que passam a repetir a mesma mentira. Quanto recebe um vadio

destes, na roda do dia, de pessoas que dão sem pensar? Quando custa um vadio à sociedade? Quanto mais não vai custar quando for um homem perigoso! Perdido já o é. Como vai a sociedade defender-se dele? Com a polícia, os tribunais, as cadeias... onde, numa hipótese ainda vulgar, vai apurar a escola que a rua lhe deu, donde sairá portanto mais preparado para ser um algoz da mesma sociedade que o criou como um filho ilegítimo. Que lhe deu a sociedade? A rua por casa, a vadiagem por ocupação, a mentira e a pedincha como estilo de vida. Quanto devemos a um vadio! Quanto devemos a um preso! Vejo cadeias cheias deles e quantos eram assim!

Como é apaixonante o meu trabalho com os filhos de ninguém; ter uma casa onde esqueçam a rua e a fome e vivam felizes e despreocupados!

Estou aqui a fazer horas para abraçar um dos nossos que serve a Obra na Casa de Benguela e passa regressando de férias na Metrópole. Vai feliz com sua esposa e filhos. Recordo os seus tempos difíceis na Casa de Lisboa. De lá mudou para Paço de Sousa para bem dele e meu. Ali se fez homem e de lá partiu para servir a Obra que lhe deu a mão e o salvou. Que feliz ele e nós! Quem não compreende quanto vale um homem assim? E como este, quantos? Pois em Lourenço Marques temos, como foi exposto no número anterior, uma grande obra a fazer. Quem compreende o seu valor não pode negar-se a contribuir. Vou bater a muitas portas. As maiores têm sido as mais fechadas. E passa nelas tanta gente! Espero que se abram; mas confio mais nas mais pequenas!

O «Russo» tem 12 anos e está entre nós há mais de 3. Raptado de táxi pela mãe, pessoa incapaz a todos os títulos, foi levado para o Porto. Pela mão tutelar do Tribunal voltou, porém, ao seu lugar. Fez-se justiça. Pelo bem do Rapaz congratulamo-nos com o facto. Assim sucedesse sempre e estaria favorecido o trabalho de quem se devota, com total desinteresse, ao serviço dos irmãos abandonados, sem família ou oriundos de meios onde grassam apenas os maus exemplos.

O «Rolhas», da mesma idade, é nosso há quase quatro anos. Extrovertido por natureza, molhando ainda a cama, simulado nas palavras e nas atitudes, é ás no twist... Gostamos dele, apesar das dores de cabeça que nos tem dado. Veio a pedido da Junta de Freguesia de Carnaxide, dado que, tendo perdido a mãe, o pai o colocou aos cuidados de uma mulher em troca de remuneração que, a certa altura, deixou de ser satisfeita. Por isso foi entregue à guarda da avó materna, doente e com 70 anos, vivendo numa barraca para os lados de Algés, até ao seu ingresso aqui. Excepção feita à pobre velhinha, nunca ninguém o visitou ou quis saber dele. Eis que agora nos aparece a companheira do pai para o levar... Vamos a ver como as coisas se processam e se o espírito das leis nos ajuda a defender o irrequieto

Aqui Lisboa

«Rolhas» das arremetidas de quem nem pelo sangue lhe é algo ou o abandonou ao seu destino.

Dois exemplos de há dias para compartilharmos convosco dos nossos problemas e ansiedades. Por eles facilmente deduzireis da razão de só rece-

bermos crianças com tutela. Já nos bastam as lutas e as vicissitudes relativas a cada Rapaz, para termos tempo e cabeça para aguentarmos com o choque daqueles que, embora do sangue, foram e são afinal a razão de ser de sua estadia entre nós. Nós temos de de-



TOJAL — O corpo central das futuras oficinas dá já o aspecto agradável quo a foto denuncia.

fender com unhas e dentes as pequenas grandes Vítimas que um dia entraram nas Casas do Gaiato. Somos para os abandonados, para os sem família, para os sem ninguém. Por eles temos de dar tudo e nos gastamos lentamente, em energias e forças, por amor deles e por amor de Deus.

x x x

A Aldeia em construção é alvo de grandes preocupações e trabalhos. Se os calos crescessem no cérebro não sabemos como o teríamos! As despesas surgem todos os dias e os recursos materiais são escassos, apesar dos tempos palavrosos que atravessamos, cheios de conversa, mas pobres de actos! Alguém nos segreda ao ouvido algo que já havíamos pensado: mil presenças a mil escudos seriam mil contos. Com estas contas ou outras o resultado poderia ser o mesmo, mas como não incensamos o mundo, nas suas vaidadezinhas ou caprichos, vamos pedindo ao Criador que nos vá dando sempre fé e coragem!

Padre Luís



Fausto José e Américo Carlos, filhos do Carlitos, de Paço de Sousa.

«A demora não significa esquecimento. Nem grande dificuldade. Antes a desobrigação de um prazo.

Recebi em devido tempo um livro, e depois outro. Antes que os lesse emprestei-os. Achei mais útil divulgar do que reconhecer.

Trago-vos hoje o que posso, que não o que queria. Mas vai junto o desejo de tudo... Que obras assim não se pagam. Leitor assíduo de «O Gaiato» que há pouco recebi e me sugeriu escrever hoje, não deixam os meus oito gaiatos que a minha presença seja materialmente mais expressiva.

Mas cada centavo representa um voto: o de que todos acabem por compreender o alcance supremo, sublime, da vossa Obra. Que a sociedade dividida e ocupada em tantos que fazeres inúteis, encontre o Caminho, a Verdade e a Luz: o Caminho que a conduza à Caridade, a Verdade que é centro de toda a Caridade, a Luz que da Caridade irradia.

Senhor, o que é um átomo?...

E no entanto o potencial inenso que Tu guardaste nele! E uma alma?...

Numa alma, imagem da Tua — infinita — que grandeza insuspeitável, misteriosa, se não contém!

«O Gaiato», as nossas edições — são átomo que desencadeia maravilhas como esta carta, como tantas mais... Pequenino de si mesmo, vale o que parece. A grandeza que encerra é Tua: fá-lo valer o que ele é.

Os ecos que aqui chegam dariam sempre para fazer cada número do jornal. Bendito seja

Uma carta

Deus! Como nós estávamos iludidos — insipientes éramos... e somos! — ao estimar o peso desta parte da missão de Pai Américo que nos foi legada!

A compreensão é uma forma de comunhão — um tónico para a alma. Transcender os factos, ultrapassar as limitações, a mesquinhez própria dos homens; e atender e fixarmo-nos no «alcançe supremo» das acções, dos votos, nossos e dos outros... — que justo!, que bom! E desejarmos que nós e os outros, «divididos, ocupados» pela inutilidade, nos unamos na Caridade, nos ocupemos dEla, o único valor que não passa, o único certo no mundo e na Eternidade, mas já no mundo, muito no mundo, onde é vencedor e rasto de luz iluminando para além da transição da morte, todo o homem consagrado à ocupação da Caridade — que fonte de Paz!

Felizes aqueles oito gaiatos que têm este Pai. Feliz o Pai, que há-de receber de Deus a graça dos filhos que merece, que quer merecer à dimensão dos seus desejos! Felizes nós, que somos seus irmãos e recebemos tanto do pouco que lhe damos — do muito que lhe dá, Senhor, também pelo pequenino átomo que somos da Tua misericórdia!

Cantinho de Malanje

Sempre gostei deste título. A nossa Aldeia é realmente um cantinho desta cidade planáltica.

Quem passa na estrada de Luanda-Malanje não imagina — se nunca cá veio visitar-nos — a bela Aldeia de rapazes que se esconde por detrás das nossas gravilias esguias que com a sua sombra acarinham e protegem os cafeeiros. A nossa Aldeia é já um cantinho aprazível onde se deseja estar.

E é por isto; por toda esta beleza e pela beleza das almas dos nossos rapazes que estas letras aparecem. Deus nos perdoe a falta de notícias a que vos temos votado, caros leitores.

A nossa quinta é uma beleza ao serviço da educação e recuperação de rapazes abandonados. Ela vai-se embelezando cada vez mais e ampliando com o esforço deles. Com as padolas vão acarretando os lixos que poderiam vir a ser incómodos; vão arrancando as ervas e varrendo as picadas. É assim que se há-de habituar a ser limpos, a gostarem e admirarem o que é belo e o que é deles. Toda a criança, assim

como toda a flor, gosta de viver em canteiros bem tratados.

Para que não falte o salário aos nossos trabalhadores e para que o ritmo das nossas obras não esmoreça, o nosso Padre Telmo tem ido por aí fora até Luanda de saca na mão. Ele apareceu na Igreja do Carmo, na Sé e na Igreja de Nazaré e também foi com um grupozinho até ao Cine Império. Já não é a primeira vez que a Empresa Angola-Filmes nos dá a mão. Bem haja!

x x x

Pela Páscoa recebemos folares de mãos amigas. E assim podemos começar por um fiscal bancário com 100\$00 e promessa de mais. Na capela puseram 90 escudos. Enquanto estávamos na Missa alguém entrou no escritório e deixou lá 100\$00. Até por isto é bom sermos «porta aberta!» O casal Neves deixou nas minhas mãos um envelope com 1.000\$. Outro visitante com 100\$00. De um Cursista um bidão de gasoil e

Continua na QUARTA página

TRIBUNA de Coimbra

No dia 13 fez um ano que começámos com as nossas obras em Coimbra. Os rapazes quiseram juntar-se à volta do Altar para louvar e agradecer ao Senhor. Louvar o Senhor que é o princípio e a causa de todo o bem, motor do pequenino bem que cada um de nós é capaz de operar.

Agradecer ao Senhor um ano em que O sentimos bem presente. Presente segurando a todos nos andaimos e em cima das paredes: não houve uma queda e são todos rapazes novos. Presente no sangue de cada um, pois apesar de muitas espetadelas de pregos, não houve qualquer infecção. Presente em todos os que vieram com suas ajudas e suas visitas.

A noite, na velha e pequenina sala, o jantar foi melhorado com arroz doce e vinho do Porto, festejando também os três que faziam anos nesta semana.

Recordando todo este ano vejo o nosso sonho realizar-se, embora muito lentamente. Quando começámos acalentava a esperança de que nesta altura tudo estaria mais adiantado.

Estão as paredes construídas e o telhado quase pronto. É a primeira fase. Custou um ano de muito esforço. Só Deus sabe.

Vamos à segunda fase. O Pai do nosso P.e Acílio que é um grande motor nas obras, dizia-me há dias que o mais custoso está para fazer: são os revestimentos das paredes, é o chão, são canalizações, é a instalação eléctrica, são os quartos de banho e higiene, é um número muito grande de portas e janelas, são os esgotos, é a fossa completa, são beirais, é tudo o que seja necessário para que a casa fique em condições de ajudar a preparar homens.

Já dissemos na última Tribuna que Coimbra tem estado bastante presente. Temos andado agora (e continuaremos) pelas igrejas da cidade a pedir a colaboração de todos. Queríamos muito que cada um tivesse o seu quinhão nesta obra que tem de ser de todos. Marca bem a tua presença e dá conosco Graças a Deus por tudo o que está feito.

Padre Horácio



PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Temos as festas quase todas feitas e é justo lembrarmos-nos da maneira como nos receberam nas terras onde fomos. Coimbra, como já é tradição, voltou a encher a casa e de tal maneira que muitos entraram sem bilhete, e outros que não puderam entrar pediram que fizéssemos segunda festa. Acedemos e voltámos ao Teatro Avenida. Foi novamente um mar de manifestações de amor. Pessoas amigas velaram para que nada faltasse na merenda. A fábrica de cervejas deu cervejas e laranjadas. A fábrica Triunfo deu bolachas, biscoitos e rebuçados. E outras pessoas deram bolos e outras coisas. Saimos de lá tão contentes como da primeira vez.

Seguiu-se Leiria com a nossa terceira presença na cidade. A sala encheu-se apesar de ser grande. A meio da nossa actuação faltou a luz durante dez minutos. Ficámos preocupados e tristes. Mas depois a luz voltou e com ela a nossa alegria. No final houve a merenda. Comemos o que quisemos e ainda trouxemos para casa.

Tomar foi novamente um mundo de amor e carinho. Pouco antes da hora já a casa estava cheia. No fim houve a dita merenda que mais parecia um banquete. Comemos e trouxemos para casa que nos deu quase para uma semana.

Na Figueira tudo correu bem. Ao começar a festa falou o nosso professor Crisanto que vive na Figueira e foi o organizador da festa. A casa encheu-se e ao final não faltou a merenda que foi servida no Patronato.

Para as terras da Beira, partimos na segunda-feira, dia 28. Chegámos, fizemos a festa na Covilhã com a casa cheia. O dono do Teatro esteve sempre connosco no palco a animar-nos, e ao fim pessoas amigas deram-nos um lanche. Fomos hóspedes do Centro Cultural na Covilhã. No dia seguinte fomos à Serra da Estrela, onde brincámos bastante na neve. No Fundão a casa estava também cheia e para começar falou o senhor Prior do Fundão, que ateou o fogo na alma daquela gente. Depois foi a actuação e depois do lanche que nos ofereceram voltámos ao Centro Cultural, onde dormimos. No dia seguinte partimos para Castelo Branco, que foi a última terra da Beira Baixa. Também aqui não faltou o amor daqueles que nos querem bem. A casa, a maior de todas, estava cheia. Um grupo de famílias amigas ofereceram-nos o jantar num restaurante dos melhores, e jantaram connosco. Deram-nos ainda um lanche para comermos no fim da festa. Partimos de Castelo Branco já na madrugada de quinta-feira, e chegámos de manhã a casa.

Resta-nos ainda, Cantanhede, Pombal, e Lousã. Em Cantanhede será no dia 24 de Maio; em Pombal no dia 31; na Lousã será no dia 14 de Junho. Contamos com as casas cheias e não sómente cheias de corpos mas também do vosso amor.

Fonseca

BENGUELA

Queridos leitores, mais uma vez, está presente a «crónica de Benguela».

Obras — As nossas futuras «Escolas» estão em profundo desenvolvimento, esta é uma das obras mais queridas que nós vamos ter! Debaixo do tecto da mesma o rapaz começa a ter os primeiros contactos com o estudo, coisa que hoje é um dos grandes problemas que

aflixe o humanidade; «o analfabetismo».

Agricultura — Grande problema estava abeirado de nós, problema esse que foi resolvido pela gentileza da nossa tão amiga Sociedade Agrícola do Cassequel. Este ano não sabíamos como lavar um grande terreno que nós temos, para pôrmos lá a nossa batata. Os nossos tractores, embora bons, eram pequenos demais, e portanto não tinham aquela potência necessária para o respectivo terreno. A Cassequel mandou-nos um belo tractor «Olivem» que nos resolveu os problemas todos. À Cassequel, um muito obrigado.

O Cacimbo — O Cacimbo chegou, as obras terminaram, agora é o tempo da seca, só capim por todos os lados. Os nossos rapazes, como se aquilo fosse uma brincadeira, vão capinando o que podem, mas o mais engraçado é que o capim desaparece todo.

Um Irmão

LOURENÇO MARQUES

Estão a levantar-se as paredes das oficinas que deram o começo da nossa aldeia, e teremos em seguida a nossa Casa-Mãe que por habitual devia ser a primeira; não teve essa sorte, porque precisamos mais das oficinas.

Por enquanto temos as casas onde habitamos, e a nossa camarata que nos dará até termos a nossa Aldeia pronta.

Mas, que alegria teremos depois, quando tudo estiver pronto em dizer:

— Mais uma Casa do Gaiato, para recebermos os nossos irmãos que

Manuel Pinto e eu começámos a despachar a tremenda pasta dos pedidos de auxílio. Júlio, liberto das Festas, pôs contas em dia e decretou: «Pode andar». Se eu pudesse andar até ao fim do lote imenso e reduzi-lo a zero — que bom! Mas não devo chegar a meio caminho... sem ver o fundo do Fundo do Património! Que riqueza um chequezinho abundante e imprevisível vindo do cabo do mundo... vindo do Céu! Entretanto vamo-nos valendo e consolando com as presenças fiéis e certíssimas de Amigos que, desde há mais ou menos anos, aí aparecem mensalmente com a sua quota, com a sua prestação.

Deixemos passar, primeiro, os de todos os meses. É a Maria do «Pequeno Louvre» com três vintes, mas não de fumar! É o nosso «Major do Silêncio» com uma mancha de comparências que somam 160\$00 e a sua alegria porque «estou vendo que há mais alguns telmossos na velha campanha dos 30.000×20\$». Graças a Deus! Do assinante 6.790, quatro presenças de 100\$00 «Têm recebido as anteriores?» — pergunta ele aquando de uma das remessas. — Sempre, lhe respondemos nós.

Outras tantas e o mesmo valor, depositados à ordem de

andam abandonados e também afastados de Deus e da sua doutrina. Muitos, quase todos que recebemos, ainda não foram baptizados, mas a Casa do Gaiato terá o gosto de os tornar filhos de Deus e também torná-los homens, ensiná-los um ofício. Os que tiverem cabeça para estudar, vão estudar.

Os nossos «Batatas» estão a trabalhar no amendoim, que este ano parece dar uns bons sacos, estão a tirá-lo da planta que depois vai para a eira para secar. Costuma-se dizer: «o trabalho de menino é pouco, mas quem o perde é louco». O grupo dos «Batatas» não só trabalha no amendoim, como também noutros trabalhos leves, próprios para eles.

Tendo acabado de escrever dos nossos «Batatas» pus-me a pensar no que devia escrever para completar a crónica para o nosso jornal «O Gaiato». De repente olhei para o nosso petromax que estava a dar luz para a nossa sala, aonde os nossos rapazes se entretêm, uns jogando cartas, os mais pequeninos brincando, outros lendo; quando será que teremos a luz eléctrica? Já se fala nisso desde Dezembro!...

A corrente eléctrica encontra-se ao Km 10 da estrada: A luz eléctrica não servirá apenas para nos iluminar, mas também para as nossas máquinas das oficinas, que com essas máquinas e com os nossos rapazes que trabalham com elas se podem fazer homens para o futuro.

Na minha frente encontra-se a fotografia de Pai Américo, o homem que se entregou totalmente à vida dos que não tinham ninguém.

A sua Obra, que começou em Miranda onde eu fui recebido como um dos mais que precisavam de casa para me tornar homem, que o espero ser! Estive um ano em Miranda e depois fui chamado para ser fundador de mais uma das 14 Casas que já existem. Pai Américo fez o que Deus disse aos seus discípulos: «o que vocês fizeram a

um dos meus irmãos mais pequenos fazei-lo por mim».

Santana

Paço de Sousa

Sou o sub-chefe da casa 4 de cima. Gosto muito da minha malta pois são rapazes alegres, rapazes simpáticos, muito vivos, só gostam de brincar, jogar dominó, à sapatilha, enfim uma série de coisas que divertem. Mas há uma coisa que é muito triste: quando chega a hora do silêncio não se ouve em casa um zumbido de uma mosca. Tudo silêncio, tudo triste, tudo calmo!!

Os senhores são capazes de adivinhar o que faz entristecer a casa? Não temos rádio! Não há música. E a música também dá alegria, não só o calor da malta, mas a música. É triste, pois somos jovens e necessitamos de música. Temos meia dúzia deles, mas não funcionam e não merecem já qualquer reparação. Deve haver leitores que levantem o dedo e digam: «deixem-se de preocupações, aí vai um rádio de categoria!» Eu sei que isto vai acontecer. Sei que há leitores tão amigos que farão o favor de nos atender.

Antes de eu despedir-me digo que a nossa Aldeia dia a dia está a pôr-se cada vez mais bela, mais bonita. As árvores estão todas com folhas verdejantes. Os passarinhos já às 8 horas da manhã se ouvem a chilrear e o sol a raiar por entre as árvores. Às 8 horas da manhã todos se mexem. Então os Tipógrafos uns cantam e as máquinas trabalham ao som do cantarol. Começam a chegar visitantes à nossa linda «Aldeia» encantada e cheia de maravilhas. Estamos na Primavera!

Américo Correia

Queima das Fitas

O encontro dos nossos mais pequenos com os (e as) estudantes da Universidade do Porto foi um belo convívio e, sobretudo, um ademonstração de carinho para com a nossa malta.

Dias antes a senhora D. Sofia foi escolher os miúdos para a «Queima das Fitas» e então começavam uns: «minha senhora, eu não estou aleijado e não sou porco por isso mereço ir». Outros faziam-lhe graxa, com favores, na esperança de também irem. Outros ainda, vinham ter comigo para dizer à senhora D. Sofia que mereciam. Enfim, sempre a mesma algazarra e alegria de todos os anos!

Depois, nas viagens de ida e volta, não se falava noutro assunto senão na «Queima das Fitas»; da simpatia dos estudantes e tudo o que lá se passou.

Alguns ficaram com tão boa impressão dos (e das) estudantes que lhes pediram as direcções! E, depois, mostravam aos outros, todos contentes.

No Café Imperial (cuja gerência mantém a generosidade de sempre, por isso o nosso muito obrigado) foi a mesma alegria, porque era bom o pequeno almoço. Alguns até diziam: «Que boas torradas!...»

E, por último, a venda das pastas correu muito bem. O público do Porto é muito acolhedor para a Casa do Gaiato. Passámos quase todas as pastas. E, no fim do dia, havia um sorriso feliz em todos, até em mim, pois os estudantes são tão delicados e amáveis. Também os senhores do Café Imperial e ao público do Porto vai daqui um novo muito obrigado do fundo do coração de todos nós.

Laurentino

Berta e Jorge no Espelho da Moda.

80\$00 da que pede «a conversão de um chefe de família». 150\$ «referente aos meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 1968 (?)» e «espero pôr-me em ordem o mais depressa possível — que Deus me ajude».

A Odete de Leiria mandou 80\$00 para liquidar os meses de Novembro e Dezembro de 1968 (e também para o «Calvário»). E prossegue:

«Com a minha dedicação pela Obra e por todos os que a compõem, aqui vai mais um vale com as minhas migalhas. São 190\$00 para pôr em dia as minhas quotas do Património e do Calvário (20\$00 por mês para cada), referentes a Janeiro, Fevereiro, Março e Abril. Os 30\$00 que sobram, darão para o jornal ou para o livro «A Porta Aberta», que fizeram o favor de me enviar. É que não me lembra de já ter enviado alguma coisa pela livro. Depois dirão, não é?»

Muito grata a que pede intercâmbio de orações».

Seguem-se os das Casas a prestações. Duas de mil de M. M. — A. L. Quatro vezes 1500\$ para a Casa Ascensão. Mais mil para a Casa do António e do Fernando, que atinje os 20

AGORA

contos. Cruz, da Beira 350\$00 para a Casa de meu Pai. Cem para a Casa Padre Américo e notícias sempre confortantes de Leça. A Maria, da Avenida dos Estados Unidos, mandou em Março 3.000\$00 e a seguinte carta:

«Acontece que li no jornal a lamentação de que não fora a imposição de legendas, locais, etc. o dinheiro seria por vezes mais bem aplicado em ajudar os que querem por si próprios erguer as suas casas. Pois bem, eu penso que Deus aceitará da mesma maneira a minha intenção de dar mais uma casinha deixando ao vosso critério o destino do dinheiro que mando pois eu sei também que uma casa não se pode fazer com

12.000\$. Por isso podem dispôr desta importância como melhor vos aprouver. Ficam pagas as prestações de Janeiro, Fevereiro e Março de 1969 que Deus me ajude a não parar todos os meses.

Oxalá que por meio das vossas orações pudéssemos ser convertidos, meu marido, eu e meus filhos, pois nenhum de nós segue à risca os mandamentos da Lei de Deus».

O compreensão do 1.º parágrafo! O ansia bendita revelada no segundo. Quem assim aspira está muito mais perto de Deus do que julga.

Pois Maria já voltou com mais 4.000\$ e «que Deus me

continua na QUARTA página



Agota

Cont. da TERCEIRA página

aceite e me faça menos egoístas.

O Casal-assinante de Aveiro ficou na 184.ª de 100\$. A Casa Rodrigo, na 18.ª com mais 320\$. A Casa Rodfizio subiu a 17.ª e 18.ª de 320\$ e 211\$50 respectivamente. Pró Bairro Decolores mais 100\$ e para a Casa da tia Lai, 2.000\$. Mais uma «pedrinha» para a Casa do Espírito Santo.

Mais 200\$00 para a Casa S. Francisco, mais:

«Um vale de 3.000\$00, com os quais completo os 24.000\$ para a «Casa de S. Francisco».

Daqui para o futuro, irei, se Deus quiser, enviando o meu contributo mensal, para ser empregue no Património dos Pobres, conforme as necessidades de momento».

Mais 4.000\$ para a Casa de Santa Terezinha, «oferecida pela minha Tia, ausente no estrangeiro». Fica em 20.000\$. 100\$ para a Casa de Abel e Maria Ermelinda. Mais «uma migalhinha» de 300\$ para a Casa das Três Marias e a da Rosarinho. Três vezes 100\$ para a Casa Fé em Deus. Cinco mil escudos — «2.ª prestação de minha mulher, meus filhos (5) e eu, com a graça de Deus, para a Casa dos Setes».

Mais outro «monumento» saído da santa instituição familiar:

«Um dia minha mulher sugeri-me contribuir para a construção de uma casa para

um pobre através da Obra do Gaiato.

Tendo-me merecido esta ideia a maior simpatia decidi-me a enviar a importância de 1.860\$ que hoje seguiu pelo correio. Sucede porém que na altura em que tomei tal iniciativa ocorreu-me que a casa para a qual gostaria de contribuir se deveria chamar «Casa de Jesus». A razão desta preferência baseia-se no facto de antes de ter tomado tal iniciativa abrir os Evangelhos e as primeiras palavras que li foram as seguintes: «Quando Jesus se dirigia para sua casa...»

Eu não sei se a minha pretensão poderá ou não ser atendida e por isso deixo a resolução do caso ao seu critério. Todavia irei fazendo o possível para enviar sempre que possa o dinheiro até perfazer o seu custo. Ficaria muito contente se pudesse contribuir integralmente para a sua construção, bem como ainda para uma outra que se deveria chamar «Casa de S.ta Terezinha».

Se se pudesse dar o nome à casa que sugeri, ficaria muito contente. Se não puder ser, paciência, porque no fundo todas as casas que se constroem através da Casa do Gaiato são para Jesus».

Outra carta cuja delicadeza nos toea tão de perto.

«Com a graça do Senhor estou junto de vós para compartilhar uma migalha do bem material que tenho.

Há já tempos que prometi contribuir para uma casa do Património dos Pobres. O tempo passou, mas hoje finalmente estou a mandar a primeira pedra (800\$00). Como quando fiz o propósito — 1965, tinha morrido um dos vossos, o Gabriel, com doença pulmonar, pensei que a casa ficaria a chamar-se «Casa de S. Gabriel». Peço a Deus que a sua alma descanse em paz e que interceda por todos os irmãos».

De A. G. R. G., 1.000\$00, o princípio da Casa Agradecida a Deus.

Chegou-nos há dias carta da R. do Monte Aventino que julgo ser da mesma pessoa. Será?

Fecha o Lobito — Angola:

«Desde sempre li com vivo interesse e muita simpatia a vossa campanha a favor do «Património dos Pobres» e frequentemente me encontrava a meditar na possibilidade de vir a poder responder aos apelos feitos por vós. Sempre tal intenção ia sendo adiada... até que o Senhor quis que eu assumisse perante Ele o compromisso de a concretizar. E fi-lo em meados do transacto ano, durante período de doença arrelhiadora. Aqui vai, pois, um cheque de 10.000\$00, como resultado do apelo feito no FAMOSO de 25 de Janeiro e em cumprimento do compromisso que assumi perante o Senhor. Que Ele, que sempre me tem cumulado de graças, entre as quais saliento a de me dar uma Esposa extremosa e dois filhos encantadores, me dê possibilidades de completar durante este ano o que falta para completar o valor de uma casa e que, segundo julgo, são 2.000\$».

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

«Como sabe vai-se aproximando o dia da minha saída. Penso que é meu dever, em primeiro de tudo, saber se a Obra que me abrigou e se fez mãe durante tantos anos, hoje precisa de mim na sua continuação. Não pense que me estou a meter pelos olhos dentro, mas sinto que é minha obrigação, em primeiro lugar, oferecer os meus serviços à Obra que durante doze anos fez tudo quanto foi possível por mim. Seria bom que tudo isso se começasse a pensar, especialmente por sua parte, pois pela minha já está tudo resolvido. Já pensei bastante no assunto. Depende, pois, de si, o final da resolução».

Isto é suficiente para justificar uma vida entregue sem reservas a estes filhos. Aceita um beijo muito amigo da tua Mãe — Casa do Galato.

x x x

Há dias esteve cá o Senhor Governador, mais o Sr. Secretário da Educação, mais uma «bicha» de carros com entida-

des oficiais. Eu não estava. Foram recebidos por um rapaz, em fato de trabalho, que foi apanhado de surpresa. Não encontraram meninos perfilados, nem palmas, nem ramos de flores. Sei que deram volta pela Casa, pelas oficinas, pela escola. Que nos perdoem a falta de cerimonial com que foram recebidos. E que venham muitas vezes!

x x x

Dou-vos conta do que nos chegou às mãos nestes últimos dias: Dois pequenos abandonados; mais uma série de pedidos para entrada em nossa Casa. Da Catumbela, 12.500\$ da S. A. C.. Um cheque de 1.800\$00, o quinhão dos Pobres, de um amigo da Ganda. De Benguela, mil escudos. Mais um cheque de 3.000\$00, de um sacerdote que muito nos quer, do Lobito. Mais 253\$00, produto de ofertas de um grupo de alunos de uma escola primária do Lobito e prometem continuar a marcar presença. E 300\$ da Catumbela.

Padre Manuel

Cont. da PRIMEIRA página

para casa. As outras duas gatas são para a Ti Ermelinda e para a Ti Vicência. São os 3, filhos da gata grande que aí anda. Deu à luz cinco. Os outros 2 morreram — explicou-me amiudadamente a Ti Francelina. É assim! A sua grande paixão são os gatos. Eles, sollicitamente, agradecem-lhe e retribuem-lhe entregando-lhe generosamente o que de mais belo têm: — os filhos.

x x x

Aconteceu também um destes dias. Porque estava um pouco cansado ou porque desgastado por mais um dia de trabalho e de vida, apeteceu-me ir por aí, campos fora, respirar o ar puro e a suavidade do sol poente que teimava em desaparecer para lá dos montes.

Abstráido de tudo e de todos, ia caminhando sempre, quando de repente ouço uma vozinha infantil atrás de mim: — «Eh, Rogério, andam ali uns gajos a roubar agriões. São de Algezu». Acordado de repente do irreal em que seguia, achei-me em frente de um dos nossos miúdos.

Ah! — disse, como que apanhado de surpresa. — O quê? Que aconteceu?

«Estão ali uns gajos a roubar agriões», repetiu o «batata» na sua vozinha inocente. Apontou-me o local. Que era lá para baixo numa das valas. Que se eu quisesse ia lá comigo. Acedi e fomos. Pelo caminho arrisquei uma pergunta para ver a reacção do pequenito: — Ouve lá, então que importância têm os agriões? Não são ervas como tantas outras que estão aí pela quinta? Vamos embora, deixa lá os homens apanharem à vontade.

O miúdo voltou-se para mim, mostrou-me uma cara de sério, meio ofendido e disse-me: — «Não. Os agriões são bons para comer. O Senhor Padre Acílio e o chefe andam sempre a dizer

SETUBAL

que eles são bons para comer, e que os homens de fora vêm cá roubar a gente».

Medi-o de alto a baixo e engoli em seco. Continuámos. Lá, no «tal sítio» onde ele dizia ser, não se via viv'alma. «Enganaste-me, pá», disse-lhe eu, mostrando-me um bocadinho zangado. «Não te enganei, não. Eu vi uns homens aqui dentro da vala, a apanhar agriões. São estas ervas!, apontou num ápice. Eu vi-os e depois fui logo a correr avisar e foi quando eu te vi. Agora já se foram embora».

De facto os agriões estavam em grande parte apanhados e eu tive de concordar que a verdade dele era uma daquelas verdades puras, nascidas da inocência. É bela a inocência!

Estou agora a lembrar-me quando este «batata» veio cá para Casa. Tão selvagemzito! Que fruto de miséria ele era! É de todos eles o que eu mais guardo no coração. Ainda era pequenino, quando para cá veio e já lhe sentia uma afeição muito especial. Ai! como ele era e como ele está!

Tem seis anos de idade e quase três do nosso convívio. Está profundamente marcado destes últimos três. É uma rosa! Esteve para ir para Malanje, mas... não sei bem porque, ainda não foi nem sei se irá.

Como me fez bem o encontro crepuscular daquele dia! Os agriões são nossos! Com seis anos de idade já tem a plena convicção do que é nosso e do que nos não pertence!

Bem hajaz «flor da rua» que gritas bem alto, ao vivo, que a Obra regenera e faz do vadio de outrora um homem são de de corpo e alma.

Rogério

MALANJE

Cont. da SEGUNDA página

mais 500\$00 de um outro. Direcção do Caminho de Ferro de Luanda viagens gratuitas para o nosso vendedor de «O Galato» a Salazar. Por ter sido aumentado no ordenado 100\$. Abílio, 2 sacos de batatas. Elsa, 20\$. Os nossos amiguinhos Roque e Júlia, 900\$00. De Salazar novamente 200\$. Padre Jaime 500\$. Pela mão de um Carlitos, um donativo muito carinhoso. Ainda de Salazar, pela mão do nosso vendedor e em acção de graças «uma migalhinha».

x x x

Não podemos deixar de falar do nosso algodão e girassol. Temos 40 hectares do primeiro e prá aí uns dez do segundo. E para o ano já poderemos lavar mais uns bons hectares

graças à grande ajuda que mais uma vez a Sonefe nos prestou. O «caterpillar» rodou pela quarta vez nas nossas picadas e desmatou uma boa porção desta. Todos os anos segue uma carta para Lisboa e todos os anos dizem sim.

É com estas ajudas, que à primeira vista parecem insignificantes, que nós, amando, vamos erguendo a nossa Aldeia perante o pasmo de uns e a alegria de outros. Pai Américo mais de uma vez disse: «Não sei fazer mais nada; não sei dizer mais nada senão amar Cristo em nossos irmãos». E é com esta certeza; é com esta fé que a Obra continua depois dele; e continuará enquanto houver uma criança sem pão e uma família sem lar.

O vosso

Fernando Dias

Visado pela
Comissão de Censura

Nota da Quinzena

A verdade é que nem nós, nem a pessoa capaz de que falava no último número pudemos quebrar a indecisão do chefe de família cuja miséria encontrou tamanho eco na alma dos nossos leitores.

Vim há pouco da cidade. Não queria escrever estas linhas sem ter tentado uma vez mais. A mulher caíra e está meia calva, de penso na cabeça. «Ele tão depressa quer, como não quer...» — disse-me ela.

Em verdade, não sei se também ela quererá ou não o internamento..., a saúde, uma vida levantada sem encosto a ninguém.

Temos de pedir ao Senhor senso para eles, caridade para nós — e esperar.



TRANSPORTADO NOS AVIOES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE